

## O Carnaval do País

*Julita Scarano*

Professora-Adjunta da Unesp

O livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Carnaval brasileiro, o vivido e o mito*, editado pela Brasiliense, além de valioso por sua pesquisa e análise acurada é lido com verdadeiro prazer.

Além de professora emérita, título que com grande justeza a USP lhe concedeu, Pereira de Queiroz tem atrás de si a produção de inúmeras obras significativas, consultadas e compulsadas por todos aqueles que estudam as coisas deste país. Além disso, ela ensinou a muitos alunos, orientou o trabalho de outros tantos, ofereceu apoio, conselho, estímulo a muitos pesquisadores. Bastaria lembrar do Ceru, criação de sua inteligência e coragem, atuante em nossos estudos rurais e urbanos, para avaliar o papel ímpar dessa estudiosa em um país onde a cultura é exceção.

Pioneira a respeito do significado do coronelismo, do messianismo e de outras facetas e peculiaridades nossas, essa autora vem publicar em forma de livro seus estudos sobre o carnaval, fruto de anos de pesquisa e análise. Esmiuça e interpreta a festa que marca a nossa brasilidade e torna-nos conhecidos por muitos como o país do carnaval. O enfoque é universalista e mostra a inter-relação entre os aspectos do nosso carnaval e questões referentes a outros países em uma visão não-paroquial, mas assinalando o

quanto o nosso carnaval está alicerçado na cultura cristã ocidental. Mais ainda, ele mergulha profundamente em tradições pré-cristãs de comemoração do início da primavera.

Estabelecendo relação entre o Brasil, nação onde o carnaval é encontrado por toda a parte com o mesmo programa, com pequenas variações em um e outro lugar, com outros locais onde a festa evoluiu diferentemente, explica como um suceder de folguedos iniciados em nossos primórdios se modificaram com o evoluir da vida do país. Parte da história para suas considerações.

Festa urbana, o carnaval acompanhou as mudanças econômicas e sociais, modificações que foram gradualmente se espalhando pelo país, não simultaneamente, mas que tiveram como consequência que, mesmo em recantos distantes, os dias gordos fossem comemorados de maneira não substancialmente diferente daquela das metrópoles.

A participação pessoal da autora alicerça o interesse; a pesquisa partiu do que foi visto, vivenciado e sentido pela autora e seus familiares, daí surgiu a empatia, compreensão e assimilação do tema. Vivido por ela, por seus pais e avós, sabe, de maneira pessoal e familiar, como são e como foram os dias gordos, conforme se lê no delicio-

so prólogo com sabor de romance, uma tradição dos seus.

Em certos aspectos, tem sentido similar a algumas das facetas abordadas pelo grupo dos Annales, que, a meu ver culmina com os *Ensaio de ego história*, onde se descreve como perfeitamente legítima e proveitosa a experiência pessoal e familiar como aprofundamento e mesmo base de trabalhos teóricos e objetivos. A autora usa com inteligência e propriedade sua observação participante e busca os porquês, as explicações do que viu, do que ouviu contar, daquilo que conheceu pela pesquisa e pelo estudo.

O capítulo, que trata do paralelismo/discordância entre o nosso e o carnaval português, mostra como circunstâncias diferentes levaram a diversificar e separar a festa que partiu de uma fonte comum.

Em outros itens analisa de perto questões referentes aos problemas desta terra, assinalando a importância dos folguedos nos relacionamentos, que permeiam os grupos vistos como a so-

*cidade da ordem e a sociedade do crime*, mostrando a ambigüidade de um sistema que sempre, desde os primórdios, veio buscando a conciliação de opostos, a aparência de benignidade do paternalismo aliado a métodos brutais, e tantos e tantos aspectos conflitivos que seria longo enumerar. Uma das vertentes desse estudo que mostra tais questões diz respeito ao carnaval/jogo do bicho, ambos fontes de empregos para os marginalizados, onde alguns trabalhos são vistos como legítimos, outros como contravenção. Numa fronteira mutável e mesmo imprecisa, temos as *classes laboriosas e as classes perigosas*.

O carnaval, em seus mitos e em seus ritos, pode estruturar uma análise deste país, ele não se prende ao Rio de Janeiro e outras capitais apenas, mas espalha-se pela nação. O último capítulo, reinterpretando as questões práticas e sobretudo as teóricas levantadas no texto, leva-nos a uma compreensão mais profunda e abrangente não apenas do carnaval, mas deste ambíguo e barroco Brasil.